

# **I Conferência de Comunicação Intercultural\*\***

## **Identities, Information and Intercultural Communication**

4 de Outubro de 2004  
ESTG - Leiria

**Ricardo Vieira\***

### Resumo da comunicação

#### 1.º) Informar é diferente de Comunicar

Comunicar implica uma relação bilateral e o acesso comum do emissor e receptor a contextos e gramáticas semelhantes, sejam linguísticas, sejam culturais do ponto de vista antropológico (cf. Hall, Goody, Ladmiral, Lipiansky, etc.).

A questão desse património comum não se prende só com a forma ou com o uso adequado dos significantes. Há um problema que é mesmo epistemológico: criança e adulto são detentores de epistemologias diferentes (professor/aluno; avô/neto, etc.); bem como adultos de culturas bem diferentes, essencialmente quando o contraste entre oralidade e lógica da escrita (cf. Goody, Lahire, Iturra, Reis, Caldas) são bem evidentes.

#### 2.º Da sociedade da informação à coabitação cultural

A informação produzida pela revolução dos media aumenta a visibilidade das diferenças culturais o que obriga, se queremos operacionalizar o tão propagado cidadão “glocal”, a um sério investimento político e social, e não meramente tecnológico, na comunicação intercultural, como via para a coexistência, coabitação e compreensão das culturas que habitam o planeta cuja distância física deixou de ser relevante, mas em que a cultural e a epistemológica se acentuam.

Assim, é vital pensar seriamente a relação entre identidades e comunicação que tanto pode desembocar em projectos democráticos de coabitação cultural como em conflitos

---

\* Professor coordenador da ESE – IPL

\*\* Informação disponível em:

[http://www.estg.ipleiria.pt/files/354129\\_Comunicado%20de%20Imprensa\\_Conferencia%20Comunicacao%20Intercultural%204%20out.200\\_45896388c855a.pdf](http://www.estg.ipleiria.pt/files/354129_Comunicado%20de%20Imprensa_Conferencia%20Comunicacao%20Intercultural%204%20out.200_45896388c855a.pdf)

sociais, a vários níveis, alimentados pela políticas monolíticas e pela globalização hegemónica. (cf. Wolton, 2004).

## **Tópicos da comunicação**

### **1) comunicar é diferente de informar**

Comunicar implica a manipulação de códigos comuns

Os códigos não são apenas linguísticos. Podem ser corporais

Linguagem do corpo – Julius Fast: cinesia

Dilatação da pupila do olho quando se avista algo de agradável

possibilidade de se poder usar no jogo do Poker: um jogador pode não se aperceber que está a revelar o jogo.

O Dr. Edward Hess, médico hipnotizador, diz que a pupila de um homem torna-se duas vezes maior quando vê um mulher nua.

### **exemplo:**

Allen, um rapaz de uma aldeia (EUA) segue uma rapariga à saída de uma festa, convencido que a linguagem corporal da jovem o estava a chamar.

Segue-a durante um quarteirão e percebe que ela vê que é seguida e nada faz ou diz.

Continua. Não altera o seu comportamento.

Ele interpreta este sinal como sendo um convite.

Finalmente, num sinal vermelho, ele ganha coragem, aproxima-se e diz: “olá”.

A jovem ficou furiosa e ameaçou chamar a polícia.

Ted – o amigo do Allen - tentou esclarecer o amigo: “estas jovens são de origem espanhola, não são o que pensaste. A maioria, apesar das aparências, é muito séria.

Edward Hall (Antropólogo Americano que estuda a linguagem silenciosa) diz:

As pessoas de ascendência europeia vivem num mundo de palavras. Mas não significa que o que comunicamos através do comportamento não seja importante. ...

Exemplo da namorada que vai ao psiquiatra e diz quanto ama o namorado, enquanto, sem consciência, abana a cabeça em sinal de negação.

Muitas dificuldades que temos em nos relacionarmos com pessoas noutros países resulta do facto de se saber muito pouco da antropologia local e sobre comunicação intercultural.

Há que aprender a língua do país receptor, mas não basta;  
é preciso saber um pouco de história e dos costumes locais;  
Mas também da linguagem silenciosa...

A questão de usar ou não o telefone não é igual para todas as culturas.

Uma porta aberta de um gabinete não tem um significado universal.

Nos EUA, telefonar a alguém logo de manhã indica que há qualquer coisa de máxima importância. De igual forma depois das 23 horas.

Durante a noite, telefonar é quase uma questão de vida ou de morte.

POR outro lado, os Árabes utilizam muito mais o olfacto (proximidade corporal) e o tacto do que os Americanos.

2) A questão da comunicação intercultural não é só entre povos e países diferentes.

Semelhante descontinuidade entre

crianças e adultos – 2 epistemologias. Busca de códigos comuns, muitas vezes de forma não consciente.

Ontem, o meu Pedro, que tem sete anos e estivera a ver o filme “A vida é Bela” disse-nos o seguinte: O filme tinha um final um pouco triste. E nós dissémos: sim, o filme é um pouco triste mas também tem coisas divertidas. E o Pedro disse: é um filme triste com um nome alegre. Acreditem que nunca tinha pensado nisso. E o Pedro perguntou porquê. Eu experimentei usar uma linguagem científica: é a prova de que é possível ter condições objectivas desvalorizadas e subjectivamente encontrar formas de construir a felicidade. O Pedro ficou meio baralhado (claro que não tinha entendido) e disse: lá estás tu com as tuas coisas. Então eu traduzi de forma a que ele percebesse. construí uma forma de interculturalidade entre o adulto letrado e a criança educanda e curiosa.

A comunicação intercultural obriga a refazer linguagens para evitar as distâncias entre códigos linguísticos e culturais. Acede-se a um novo plano; a uma nova dimensão.

De igual forma entre adultos letrados (usam a escrita) e iletrados (culturas agrafas). Aqui há não só racionalidades diferenciadas como, também cérebros diferentes.

A escrita não é só uma técnica fantástica de memorização de reformulação e reconstrução do pensamento, da ideia escrita inicialmente (como mostraram Jack Goody – lógica da escrita na organização da sociedade, Bernard Lahire, Raul Iturra, Filipe Reis) como constrói mesmo um cérebro diferente como mostra a pesquisa do Psiquiatra português, Castro Caldas, no ano de 1998.

Este estudo foi capa da revista Brain.

Os processos culturais (neste caso a aprendizagem e uso da escrita) afectam o funcionamento neuronal.

Estudo comparativo com mulheres de Loulé que há 50 anos tinham frequentado a escola e outras que nunca a frequentaram produzem, num rigoroso ambiente laboratorial, imagens cerebrais distintas (tomografia de emissão de positrões).

Estas mulheres para se entenderem têm também que encontrar patamares comuns de comunicação.

Eis pois porque é fundamental apostar na formação em comunicação intercultural não só para educadores (salas de aula multiculturais); empresas, gestão, diplomacia, relações públicas, etc.

- 3) A crescente informação nem sempre leva a um aumento da comunicação.
- Dantes, o outro era distante: primitivo, selvagem, estranho mas vivia longe.
  - Hoje, esse “outro” almoça e janta connosco enquanto visionamos a TV (é a sociedade da abundância de informação).

A informação torna visíveis as diferenças culturais e as desigualdades sociais... E o que pode gerar?

- Indiferença
- Xenofobia
- tolerância
- compreensão

A grande ruptura deste séc. XXI relativamente ao anterior é justamente essa grande visibilidade do outro. A distância deixa de ser física para passar a ser exclusivamente cultural.

Identidade/Informação/comunicação

3.<sup>a</sup> globalização: a 1.<sup>a</sup> diz respeito à ONU (ordem internacional)

2.<sup>a</sup> Abertura de fronteiras económicas...

3.<sup>a</sup> globalização cultural \_\_\_\_ coabitação cultural, e não apenas no mesmo espaço físico; também nos espaços virtuais.

A globalização da informação e comunicação pode levar ao choque de culturas e de visões do mundo (Wolton).

- 11 Setembro 2001 – O Ocidente despertou do seu “grande sono” e tomou consciência que afinal muitos países não partilham os valores da cultura democrática.
- Afinal o Islão é a religião com mais fiéis.

No séc. XX – a tecnologia vence a cultura ao ponto de se acreditar na aldeia global como realidade cultural.

No séc. XXI – Há uma inversão: consciência dos estragos do liberalismo e da tecnologia cega sobre a cultura e a comunicação.

Isto torna-se visível:

- Na diversidade cultural dos próprios países ricos que contêm desigualdades sociais;
- No diálogo Norte/Sul

Já não se trata apenas de difundir muita informação. Trata-se de ela ser útil para os outros e de esses outros a quererem.

As novas mensagens alargam a visão do mundo dos indivíduos e obrigam-nos a aumentar os conhecimentos pessoais e a modificar os seus sistemas de interpretação.

Se o Ocidente e a Europa não compreenderem a relação entre cultura/identidade/comunicação, os riscos de conflito serão cada vez maiores.

Isto obriga a pensar a cultura de outra forma: culturas; religiões;

E Isto deveria passar também por novas vias de formação cultural e social até para engenheiros, gestores, diplomatas, políticos, autarcas, técnicos de serviço social, etc. com grande enfoque nas ciências sociais e na comunicação intercultural.

A coabitação cultural é o 3.º pilar da globalização: não há comunicação intercultural sem projecto político.

A sociedade da informação exclui a história, a cultura e as identidades;

A coabitação cultural é a alternativa política ao projecto técnico da sociedade da informação.